

FOUCAULT E A EDUCAÇÃO: ENTRE O PODER DISCIPLINAR E AS TÉCNICAS DE SI (É POSSÍVEL EDUCAR PARA A LIBERDADE?)

FOUCAULT AND EDUCATION: BETWEEN THE DISCIPLINARY POWER AND THE TECHNIQUES OF THE SELF (IS IT POSSIBLE TO EDUCATE TO FREEDOM?)

Fábio Antonio GABRIEL¹

Ana Lucia PEREIRA²

RESUMO: Este texto trabalha dois conceitos teóricos relevantes de Foucault: poder disciplinar e técnicas de si. O objetivo é mostrar que a compreensão desses conceitos ajuda, certamente, a pensar o tipo de educação que se quer, pois a educação é peça importante dos dispositivos de poder-saber e das técnicas de si que formam a subjetividade humana. A hipótese é de que a educação escolar atrelada ao poder disciplinar produz subjetividades obedientes e dóceis; e a educação escolar atrelada às técnicas de si conduzem à formação de subjetividades autônomas. Para isso, busca-se uma articulação entre os conceitos de poder disciplinar e educação, e as técnicas de si e educação, como uma relação binária entre esses conceitos, de onde emerge um novo olhar para o contexto educacional a partir do trabalho teórico de Foucault. Isso permitiu apontar que é importante abrir mão do paradigma disciplinar no campo educacional e apostar mais em paradigmas que apontam para a liberdade, para a formação e para a autoformação, pois acredita-se na liberdade e jamais na sujeição, seja ela de que tipo for.

PALAVRAS-CHAVE: Técnicas de si. Poder disciplinar. Foucault.

ABSTRACT: This text works on two Foucault's relevant theoretical concepts: disciplinary power and techniques of the self. The aim is to show that understanding this certainly helps to think the kind of education one wants, as education is an important part of the devices of power-knowledge and techniques of the self that make up human subjectivity. The hypothesis is that school education tied to disciplinary power produces obedient and docile subjectivities; and school education tied to the techniques of the self lead to the formation of autonomous subjectivities. In order to achieve that, we seek to articulate the concepts of disciplinary power and education, and techniques of self and education, as a binary relation between these concepts, from which a new look emerges to the educational context from Foucault's theoretical work. This allowed us to point out that it is important to give up the disciplinary paradigm in the educational field and bet more on paradigms that point to freedom, to formation and self-formation, as we believe in freedom and never in subjection, regardless of what kind it is.

KEYWORDS: Techniques of the self. Disciplinary power. Foucault

¹ Doutorando em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa, professor de filosofia da Rede Estadual do Paraná, bolsista de doutorado- bolsa concedida no âmbito CAPES/Fundação Araucária. Endereço eletrônico: fabioantonio gabriel@gmail.com

² Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Professora Adjunta do Departamento de Matemática e Estatística e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Endereço eletrônico: ana.baccon@uepg.br

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como aporte teórico as reflexões de Michel Foucault. O texto ocupa-se, a partir do recorte proposto, do poder disciplinar e técnicas de si pensados no âmbito da educação, de textos da década de 1970 e de início da década de 1980. A partir do primeiro conjunto de textos, este artigo foca-se na apresentação daquilo que o filósofo francês chama de poder disciplinar e sociedade disciplinar. Para isso, reporta-se ao estudo de “O poder psiquiátrico” publicado em 1974 (FOUCAULT, 2007), “Vigiar e punir” publicado em 1975 (FOUCAULT, 2009) e entrevistas tematicamente próximas daquilo que se encontra nesses dois livros. Com o segundo conjunto de textos, “As técnicas de si” de 1982 (FOUCAULT, 2014b) e “A hermenêutica do sujeito” de 1982 (FOUCAULT, 2012), o foco volta-se à possibilidade de pensar as práticas que se exerce sobre si mesmos como práticas que conduzem a uma vida mais altiva e menos administrada.

Michel Foucault, filósofo francês, nasceu em 1926 e morreu em 1984; viveu, portanto, cinquenta e oito anos, dos quais mais de trinta foram dedicados à atividade filosófica. Doutorou-se em 1961 com uma tese sobre a história da loucura na era clássica, cujo objetivo foi mostrar a cisão entre razão e desrazão e, também, com base em tais escritos, construir uma arqueologia da psiquiatria. Tornou-se célebre a partir de 1966 com “As palavras e as coisas”, cujo escopo foi mais ousado: traçar uma arqueologia das ciências humanas. Com o livro em referência, Foucault foi ovacionado por parte da intelectualidade francesa, mas também, por outro lado, atacado por outros, como pelo filósofo, escritor e crítico francês, Sartre, o qual disse que Foucault estaria eliminando a história em sua obra e, portanto, a liberdade, a ação política (VEIGANETO, 2004).

Na década de 1970, Foucault, já um filósofo consagrado, publica obras com fortes acentos políticos: “Vigiar e punir” e “História da sexualidade: vontade de saber I” (1976); duas obras que renderam a Foucault o epíteto de filósofo das relações de poder. Já, na década de 1980, ele publica mais dois volumes de “História da sexualidade”, agora com foco na temática da ética fundamentada no pensamento greco-romano e cristão (“O uso dos prazeres II; O cuidado de si III”).

Apesar de Foucault não ter se debruçado sobre o tema da educação mais diretamente, foi professor no Collège de France, no qual ministrou cursos de 1969 a 1984³. Em 1970, no Japão, Foucault diz a um entrevistador, com base em sua experiência docente e intelectual, que, durante o mês de maio de 1968, professores e estudantes, sobretudo franceses, compreenderam que as suas atividades estavam ligadas à sociedade burguesa. Assim, observa o filósofo francês que, a partir de maio de 1968, quando o Ocidente passa por um ímpeto de ruptura, sobretudo no campo dos valores morais e sociais, os professores, “aqueles que têm por missão distribuir o saber”, e estudantes, aqueles que têm “por tarefa recebê-lo”, compreendem que ensi-

³ Já antes, em meados da década de 1960, lecionou na Tunísia e, também, na Universidade de Vincennes.

nar e aprender são atividades atreladas à sociedade contemporânea, isto é, capitalista (FOUCAULT, 1999, p. 234). O autor nota também que,

[...] apesar dessa descoberta, eles não captaram o que poderia significar o fato de dispensar e de receber um ensino no seio dessa sociedade, e não compreenderam que esse ensino, no fundo, não era nada além da renovação e reprodução dos valores e dos conhecimentos da sociedade burguesa. (FOUCAULT, 1999, p. 234)

A hipótese é de que o entrelaçamento de poder disciplinar e educação produzem tipos obedientes e dóceis, visto que o poder disciplinar tem como objeto o corpo, a superfície do corpo, e, como alvo, a constituição de uma interioridade, de uma regularidade nos hábitos que conduzem a uma docilidade política. Por outro lado, acredita-se que, para ultrapassar esse paradigma, é necessário outro entrelaçamento: técnicas de si e educação. As técnicas de si, como pensadas por Foucault, produzem modos de vida nos quais a liberdade é o objetivo. Assim, há dois modos de pensar a educação, cujo resultado pode ser duas formas de vida totalmente diferentes, as quais terão certamente seus efeitos sobre todo o corpo social, de uma sociedade em que impera os dispositivos ditos disciplinares e normalizadores para uma sociedade livre da normalização impositiva.

Assim, o problema que Foucault indiretamente aponta diz respeito ao ensinar e ao aprender, tal como se ensina e se aprende; ou seja, as ideias de Foucault contemplam o renovar e o reproduzir valores e conhecimentos da sociedade burguesa, capitalista; acionar os mecanismos de exploração e de assujeitamento, próprios da sociedade moderna.

Todos os que ensinam e aprendem, e isso não apenas na Europa, mas em todos os países do mundo, transitam por um período de crise e, nesse contexto, as palavras que utilizam e a aceção que eles lhes dão devem ser revistas. (FOUCAULT, 1999, p. 234)

Com base em tal diagnóstico do filósofo francês, começa-se, aqui, a demarcar o problema que indaga a possibilidade de buscar-se outra forma de educação; uma educação diferente, norteada por novos parâmetros, com novos objetivos. É privilegiando o pensamento do filósofo francês que se vai abordar essa questão. Deve-se compreender que, se marcados por uma educação de produção e de reprodução de valores e de conhecimentos burgueses, talvez seja importante a aposta em outro tipo de educação baseada em outros valores, cuja tônica seja a prática da liberdade e não a reprodução de um modo de vida serviçal que privilegia uma pequena parcela da humanidade. Impõe-se, antes, esclarecer melhor o que Foucault aponta na entrevista de 1970 - de que modo educação e sociedade burguesa se articulam. Para tanto, é necessário mostrar o que Foucault chama de sociedade disciplinar e de que modo a escola e, por conseguinte, a educação escolar integram essa sociedade.

PODER DISCIPLINAR E EDUCAÇÃO ESCOLAR: FABRICAR SUBJETIVIDADES ASSUJEITADAS?

Foucault debruça-se sobre o tema das disciplinas/poder disciplinar durante a década de 1970. Inclui temas explorados anteriormente, tal como a pesquisa sobre o nascimento das ciências humanas, mas modifica a perspectiva teórica e destaca a relação entre o discurso e o não-discurso (isto é, entre o discurso e as práticas, as técnicas – pois, antes a ênfase, ao menos em grande parte da sua produção da década de 1960, recaí sobre o discursivo). Além disso, ele cria um novo conceito para discutir tal relação: o conceito de dispositivo. Pensa, também, o poder no que tange à produtividade, desconsiderando seu caráter negativo, proibitivo e a imbricação com o saber. É nesse campo de trabalho aberto por Foucault que se inscreve o tema das disciplinas e da sociedade disciplinar. Nesta seção, destaca-se o que o filósofo compreende no uso dessas duas noções, para articulá-las com o tema da educação escolar.

A escola, o sistema educacional escolar, segundo entendimento que se empresta das ideias de Foucault, exerce uma atuação que se vale de parte daquele sistema punitivo. Sistema punitivo que, posteriormente, será chamado de sociedade disciplinar: a vigilância, o exame, a correção, estendidas por todo o corpo social. Em tal contexto, Foucault ainda não se refere explicitamente à disciplina ou ao poder disciplinar, mas em especial à noção de punição. É como se ele dissesse que se vive em uma sociedade punitiva. Da infância ao fim da vida se é punido.

Vale lembrar também que essa rede de poder disciplinar, que faz das instituições modernas seu suporte (e a escola está entre elas), perpetua sua historicidade e ressurgente na modernidade. Esclarece-se que esse poder ressurgente porque antes aparece no medievo e, de forma gradual, transforma-se e ramifica-se até afirmar-se em instituições da modernidade. Foucault diz que ela(s), a(s) disciplina(s), nasce(m), em especial, nos mosteiros do medievo, isto é, entre os monges - é da vida monástica que emergem as primeiras regras disciplinares que duplicam a vida do amanhecer ao pôr do sol. Durante mais ou menos dez séculos, essas técnicas disciplinares, essas regras de vida, permaneceram restritas ao campo das instituições da igreja católica. No entanto, a partir do Renascimento (mais exatamente a partir do século XV), elas começam a ser aplicadas nas escolas e assim reconfiguram todo o espaço escolar.

Diz Foucault: “Em primeiro lugar, parasitação da juventude escolar que, até fins do século XV e princípios do século XVI, havia conservado a sua autonomia, suas regras de deslocamento e vagabundagem, sua própria turbulência, assim como seus laços com as agitações populares” (FOUCAULT, 2007, p. 87). É no seio de uma comunidade religiosa, os Irmãos da Vida Comum, que Foucault localiza o começo da colonização disciplinar da juventude; práticas da vida ascética passaram a ser aplicadas no espaço escolar. No ascetismo cristão, há a prática do exercício individual sobre si mesmo, cujo objetivo é a transformação progressiva do indivíduo que o pratica rumo à salvação. Foucault elucida que este é primeiro elemento a ser utilizado no campo pedagógico: é necessário doravante que o estudante passe por etapas obrigatórias e assim, progressivamente, possa aprender:

[...] o aparecimento do tempo e o progresso é característico do exercício ascético e também o será da prática pedagógica. Por conseguinte, nas escolas fundadas pelos Irmãos da Vida Comum, em princípio em Deventer e logo em Liège e Estrasburgo, haverá pela primeira vez divisões em idades e níveis, com programas de exercícios progressivos. (FOUCAULT, 2007, p. 88)

No entanto, os Irmãos da Vida em Comum defendem que tanto a apropriação quanto a transposição das práticas ascéticas das atividades pedagógicas devem, tal como o ascetismo, serem praticadas em espaços fechados; impinge-se, a partir daí, a regra do enclausuramento à juventude escolar.

E também aqui se dá algo novo e essencial: toda a mescla, toda a imbricação do meio universitário com o seu entorno, e em particular o laço tão importante durante toda a Idade Média entre a juventude universitária e as classes populares, serão suprimidos por esse princípio da vida claustral, que é princípio ascético trasladado a pedagogia. (FOUCAULT, 2007, p. 88-89)

Instalam-se, assim, até aqui, dois elementos ascéticos transpostos, que consistem na observação do princípio das etapas e dos progressos, na secção do tempo; e, na clausura, no espaço fechado. A ambos os elementos se adicione um terceiro: os exercícios ascéticos são dirigidos, orientados por um guia que se responsabiliza pelo progresso da pessoa iniciante nos exercícios oferecidos. Assim, “[...] o guia ascético se converte no professor de classe ao qual o aluno está vinculado, seja durante um ciclo de estudos, seja durante um ano, seja, eventualmente, durante toda a sua carreira escolar” (FOUCAULT, 2007, p. 89). Por último, e não menos importante, a formação de grupo de dez estudantes – decúria – que fica sob a direção de um professor – inspira-se no exército romano. De certo modo, a educação escolar atual ainda se ampara nesses princípios monásticos/ascéticos. E tudo isso, segundo Foucault, apresenta-se como um acontecimento do século XV, que, no entanto, determina o comportamento de quem recebe educação atualmente, ou seja, ensina-se e aprende-se ainda em tempos atuais como programado pelos Irmãos da Vida Comum em tempos medievais.

A disciplinarização encontra terreno fértil no período da colonização dos povos. Foucault avança sua cartografia – isto é, o mapeamento das redes de poder – e mostra que, na América do Sul, os jesuítas organizavam a vida dos índios sob perspectiva disciplinar: controle do tempo, distribuição espacial; e mais, pequenas sanções aos pequenos desvios; e, por fim, vigilância. “Ao que parece, essa disciplinarização se fez de uma maneira

bem discreta, marginal e, curiosamente, em contraponto com a escravatura” (FOUCAULT, 2007, p. 90).

Nesse microcosmo disciplinar, os jesuítas impuseram regras e controle do tempo: do amanhecer ao repouso e, transitando pelo estabelecimento do horário do sexo para a procriação, a vida dos índios do Paraguai, durante o século XVII, foi controlada. A vigilância, por sua vez, dava-se pela inspeção das casas. Se antes eles viviam de forma comunitária, não havendo assim espaços propriamente particulares; com a chegada dos jesuítas, cada família passou a habitar um espaço restrito, uma casa, que, com janelas baixas e permanentemente abertas, eram inspecionadas pelos jesuítas. Era o olho do estrangeiro, daquele que vinha de fora, do jesuíta que vigiava a vida dos habitantes americanos. Esse olhar permitiu a observação do comportamento conforme as normas e aqueles não conformes. De acordo com o filósofo francês, havia um sistema de punição permanente, sutil, que atravessava a existência de ponta a ponta: punia-se o esboçado, o intencionado nos gestos, tudo aquilo que evocava uma imoralidade, uma má tendência. E, assim, conformavam-se os gestos, criavam-se hábitos (FOUCAULT, 2007).

Ainda durante o século XVII (mas também já no XVIII), o alvo passou a ser aqueles que se desviavam da norma no seu próprio modo de vida – o desvio fazia-se permanente nesse caso e, em tais situações, impunham-se medidas mais austeras para todo esse grupo de desviantes permanentes. Foi na tentativa de apagar os signos e os gestos desses modos de vida que os chamados de vagabundos, mendigos, delinquentes, prostitutas obrigaram-se, como morada, a confinar-se em instituições de encarceramento (os hospitais nesse período terão, entre outras finalidades, esse destino: encarcerar toda essa população flutuante). E aqui ainda se trata de iniciativa e de intervenção religiosa; isto é, instituições e ordens religiosas terão uma grande contribuição para pulverização das disciplinas sobre o tecido social (FOUCAULT, 2007).

A partir daqui, encontram-se pontos de aplicação que independem do suporte religioso: o exército e toda a classe trabalhadora serão, doravante, submetidos às regras e às técnicas disciplinares.

O exército, claro, principalmente com o aquartelamento, que data da metade do século XVIII, a luta contra os desertores, isto é, a constituição de registros de serviços, e todas as técnicas de identificação individual que impedem as pessoas de saírem do exército com a mesma facilidade que se entra, e, por último, nessa

segunda metade do século XVIII, os exercícios corporais, o uso completo do tempo, etc. (FOUCAULT, 2007, p. 92)

Não só o exército, mas também, como já aludida, a classe trabalhadora doravante estarão atrelados ao sistema disciplinar. É o surgimento das grandes oficinas (século XVIII); é o momento que se faz inarredável a necessidade de disciplinar a população rural para que trabalhe em centros metalúrgicos e em cidades, cuja atividade, a extração de minerais, apresenta-se como trabalho valioso em cidades mineiras. Nesse ambiente, outro mecanismo disciplinar torna-se obrigatório, e a caderneta assume sua importância. “Nenhum trabalhador pode deslocar-se e nem tem o direito de deslocar-se sem uma caderneta que indica quem foi seu empregador anterior e em que condições e por quais motivos o deixou” (FOUCAULT, 2007, p. 93). De certo modo, a classe trabalhadora torna-se refém desse fino dispositivo disciplinar, pois a caderneta é exigida no ato da nova contratação, ou, antes, no momento que o trabalhador se instala em uma nova cidade. Sua vida e suas possibilidades de vida serão determinadas pelas anotações e pelas descrições contidas nessa caderneta. Sistemas de anotações, de registros, de arquivos são constantes no sistema disciplinar. Em toda instituição disciplinar, encontra-se a prática da escrita sobre a vida daqueles que nelas permanecem por um tempo: escolas, hospitais, oficinas e fábricas. E, no caso do trabalhador, tal dispositivo adicional, a caderneta, prescinde do suporte propriamente institucional. Com a caderneta ele perambula; sem esse documento estará fadado a permanecer à margem do mundo do trabalho.

Atualmente, a carteira profissional representa essa vigilância que perdura. Tem-se até aqui uma espécie de história sucinta da expansão das técnicas e dos mecanismos disciplinares: 1. Os estudantes; 2. Os índios da América do Sul; 3. Os “marginais”; 4. Os soldados; 5. Os trabalhadores. Em todo caso, nas escolas, nas colônias, nos hospitais, em quartéis ou em oficinas, como já disse Foucault uma vez, o mesmo poder ditaria o funcionamento de qualquer sociedade. Sem esse poder, o capitalismo não poderia ter decolado, pois era preciso habituar – criar hábitos, regularidades do comportamento, e toda essa massa informe deveria inclinar-se à retidão do trabalho cotidiano e “necessário”; respeitar o pronome possessivo “meu”, isto é, os bens particulares, as matérias-primas que se encontram nas mãos dos trabalhadores – que, em última instância, apresentam-se também como uma das formas da riqueza do burguês. É preciso adestrar corpos, desde cedo, para a obediência – e, assim, minimizar as revoltas – e, também, claro, para a utilidade econômica. E por tais estratégias de poder tornarem-se mais presentes, Foucault dá o seguinte diagnóstico: vive-se em uma sociedade disciplinar. E a escola, como já apontada, assim como a educação que nela se pratica, é parte desse tipo de sociedade.

Desse modo, ainda que apresentada aqui especialmente em âmbito da instituição escolar, apresentam-se como técnicas que podem ser localizadas, ora em um colégio, ora em um hospital, e assim por diante; isto é, as técnicas do poder disciplinar não se limitam ao espaço de uma única instituição. Entretanto, como o objeto é

a educação escolar, convém, no caso das escolas, ou melhor, das instituições de ensino, pesquisarem resquícios dessas técnicas em ambientes de instituições que educam. Observe-se que, em sala de aula, cada aluno deve ocupar um lugar; em cada carteira, um aluno, e que, desse lugar, ele seja localizável, observável, passível de classificação e de avaliação; enfim, que, no lugar no qual ele se encontra, seu comportamento possa ser vigiado, seus gestos registrados; e que, nesse mesmo lugar, ele desenvolva as suas atividades.

Quanto às filas, ficam mais evidentes como herança dessas técnicas. Filas para a entrada; filas das carteiras em sala; filas para o refeitório. E, obviamente, tudo sempre com horários definidos para o início das aulas, para o intervalo, e assim por diante. Nesse âmbito, a noção de ordem se identifica com as técnicas disciplinares. Busca-se com essas mesmas técnicas, a partir do uso dessas ferramentas, o sonho de uma sociedade perfeita. Uma sociedade em ordem, na qual o menor desvio possa ser detectado; forma-se uma sociedade disciplinar; todo um investimento do detalhe que se faz. O poder disciplinar é o poder que se ocupa do detalhe e do ínfimo. Nada deve passar despercebido; pelo contrário, tudo deve ser observado. É a eterna, é a atenta vigilância que perscruta a vida do cidadão a cada passo dado.

Por vezes, a própria disposição arquitetural das escolas subsiste a serviço de tais técnicas. É a ideia anunciada por Bentham, em fins do século XVIII, em seu livro "O Panóptico", no qual o filósofo descreve uma forma de arquitetura que permite a vigilância e o controle contínuo dos indivíduos. Bentham propôs uma espécie de modelo arquitetural de instituição que deveria valer para escolas, hospitais, prisões, hospícios, fábricas, e outros ambientes mais. De acordo com Foucault, o panóptico seria a expressão máxima do poder disciplinar, concentrando, em si, todos os procedimentos disciplinares.

[...] na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre, esta possui grandes janelas que se abrem para a parte inferior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior [...]. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. (FOUCAULT, 2004, p. 210)

Embora as escolas não exibam exatamente essa disposição arquitetural, o princípio fundamental da ideia de Bentham prevalece, isto é, vislumbra que a própria disposição arquitetural das mais variadas instituições possibilita uma vigilância ininterrupta, a qual proporciona o controle sobre os indivíduos sem maiores esforços. A disposição arquitetural somada ao olhar que vigia, e, importante, o olhar do poder ser hierárquico, como o do carcereiro que observa o preso; o do inspetor, que observa o carcereiro, e assim por diante.

Dada a circunstância de herdar-se esses mecanismos de poder, sobretudo da vida monástica - ainda que certamente tenham transitado por transformações e por adaptações -, talvez uma possível resposta esteja temporalmente antes do mundo cristão. Ao professor compete, quem sabe recorrendo aos filósofos gregos e as suas práticas e técnicas de existência, contribuir com um possível novo caminho para solucionar o impasse de uma educação antes de tudo adestradora. Se, sobretudo, uma educação for adestradora, melhor viver sem ela, porque a vida que está em jogo, ou, antes, as formas de vida em jogo exigem liberdade para novas formas de existência, a escolher entre servidão ou liberdade. A liberdade não será dada, mas conquistada, pois, para Foucault (2012, p. 212), “[...] a liberdade é uma prática”, um conjunto de exercícios que forjam um ser livre. Esses exercícios passam pelo processo de ensino e aprendizagem e acontecem, certamente, na educação escolar.

TÉCNICAS DE SI: UMA ALTERNATIVA À DISCIPLINA E À EDUCAÇÃO ESCOLAR ADESTRADORAS?

Em outubro de 1982, Foucault promove, na Universidade de Vermont, a conferência intitulada “As técnicas de si”. O título não diz muito, mas o próprio conferencista, logo nas primeiras páginas, explícita o seu objetivo e esclarece um pouco daquilo que o título evoca. Diz Foucault:

Gostaria de esboçar, aqui, a evolução da hermenêutica de si no interior de dois contextos diferentes, mas historicamente contíguos: 1. a filosofia greco-romana dos dois primeiros séculos do início do Império Romano; 2. a espiritualidade cristã e os princípios monásticos tais como se desenvolveram nos séculos IV e V, sob o Baixo Império. (FOUCAULT, 2014b, p. 267)

Foucault (2014b, p. 267) apresenta seu objetivo geral: “Gostaria de esboçar, aqui, a evolução da hermenêutica de si no interior de dois contextos diferentes”. O que fica claro é que o pensador em referência apresenta um estudo sobre as técnicas de si/hermenêutica de si, tomando como referencial a filosofia greco-romana e a espiritualidade cristã. As técnicas evidenciam que o objetivo geral dessa trajetória intelectual consiste no estudo dos diferentes saberes que os homens elaboraram sobre si mesmos; tomando-os como “jogos de verdade”, “[...] que estão ligados a técnicas específicas que os homens utilizam a fim de compreender quem eles são” (FOUCAULT, 2014b, p. 266). Essas técnicas dividem-se em quatro: 1. as técnicas de produção; 2. as técnicas de sistemas de signos; 3. as técnicas de poder; e 4. “as técnicas de si” – é essa última que interessa doravante.

[...] que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade [de liberdade]. (FOUCAULT, 2014b, p. 266)

Foucault compreende por técnicas de si, ou seja, técnicas que se aplicam sobre o próprio indivíduo e que o transformam, cujos objetivos são claros: transformar-se para que se possa atingir certo estado de felicidade, de sabedoria, de liberdade (dizemos nós). Na seção anterior, as técnicas de poder foram estudadas (particularmente as técnicas do poder disciplinar), “[...] que determinam as condutas dos indivíduos, os submetem a alguns fins ou à dominação, objetivam o sujeito” (FOUCAULT, 2014b, p. 266). Doravante, serão contempladas as técnicas de si, sobretudo com base na filosofia greco-romana.

De acordo com Foucault, um exemplo pode ser encontrado já no período clássico da filosofia grega, ainda que o paroxismo das técnicas de si, parece, se encontrar nas filosofias do período helenístico e sob o Império Romano (notadamente, em ambos os períodos: no estoicismo e no epicurismo). De Sócrates originam-se as ideias de si. Diz Foucault (2014a, p.177, grifo nosso): “Na *Apologia*, vê-se Sócrates se apresentar aos seus juízes como o mestre da preocupação de si. Ele é aquele que interpela os passantes e lhes diz: você se ocupa de suas riquezas, de sua reputação e das honras; mas com sua virtude, e com sua alma, você não se preocupa”.

Sócrates, de acordo com o filósofo francês, “[...] é aquele que zela para que seus concidadãos se preocupem com eles mesmos” (FOUCAULT, 2014a, p. 177). Certamente, tal evidência não ocorre sem motivo; o motivo para que Sócrates se ocupe dessa atividade – exortar seus concidadãos a se preocuparem com eles – é: “[...] porque, ensinando aos concidadãos a ocupar-se deles mesmos (mais do que de seus bens), ensina-se-lhes [*sic*] também a ocuparem-se da própria cidade (mais do que de seus negócios materiais)” (FOUCAULT, 2014a, p. 178). Vê-se em Sócrates, portanto, a nítida relação entre cuidar de si e cuidar da própria cidade; ou seja, o cuidado de si, em Sócrates, tem como objetivo último a preocupação/cuidado da cidade. Com Epicuro, constata-se que o cuidado de si (*epimeleiaheautou*, em grego, *cura sui*, em latim - princípio das técnicas de si ou práticas de si) não constitui somente um princípio, mas uma prática constante. No entanto, vale notar que esse princípio, essa prática constante, não se reduz à vida filosófica, trata-se, sobretudo, de um preceito de vida, um ideal social do mundo antigo, do universo greco-romano.

Plutarco cita um aforismo lacedemoniano que, desse ponto de vista, é muito significativo. Perguntava-se, um dia, a Alexandrino porque seus compatriotas, os espártacos, confiavam a cultura de suas terras a escravos em vez de se reservar para eles essa atividade. A resposta foi esta: “Porque nós preferimos nos ocupar de nós mesmos”. (FOUCAULT, 2014a, p. 179)

Um problema apresenta-se e que consiste no cuidado de si mesmo que é, antes de tudo, um privilégio social; “[...] é a marca de uma superioridade social, em oposição aos que devem ocupar-se dos outros para servi-los, ou, ainda, ocupar-se de um ofício para poder viver” (FOUCAULT, 2014a, p. 179). Entre os gregos, e o mesmo entre os romanos, “[...] pode-se observar que a concepção romana de *otium* não deixa de ter relação com esse tema: o ‘lazer’ aqui designado é, por excelência, o tempo que

se passa a ocupar-se de si” (FOUCAULT, 2014a, p. 179). Transposição, portanto, de um princípio de atividade social para o campo da filosofia.

No cuidado de si em âmbito da filosofia, um ponto importante a salientar diz respeito a um pensamento de Sócrates, novamente citado em “Alcibíades”: “Sócrates recomenda a Alcibíades que aproveite sua juventude para ocupar-se de si: ‘Com 50 anos, seria muito tarde’” (FOUCAULT, 2014a, p. 180). Vê-se, então, em Sócrates: a) o cuidado de si tem um objetivo político – o cuidado de si conduz ao cuidado da cidade; e b) o cuidado de si prescreve certa idade – a juventude. Contudo, para Epicuro e para Galeno, o cuidado de si é uma forma de vida. Como o caso de Galeno: “Para se tornar um homem completo, cada um precisa exercer-se, por assim dizer, toda a sua vida [...]” (FOUCAULT, 2014a, p. 180). Afirme-se, então, que, se no período clássico, com Sócrates e Platão, o cuidado de si tem uma função restrita a certo período da vida, com os filósofos do período helenístico, e já no início da era cristã, há uma transformação radical no que concerne o entendimento:

Ocupar-se de si não é, então, uma simples preparação momentânea para a vida: é uma forma de vida. Alcibíades se dava conta de que ele devia preocupar-se consigo, na medida em quisesse, em seguida, ocupar-se dos outros. Trata-se, agora, de ocupar-se de si, por si mesmo. Deve-se ser para si mesmo, e durante toda a sua existência, seu próprio objeto. (FOUCAULT, 2014a, p. 181)

Trata-se, assim, de um princípio, de uma atividade para a toda vida. E desse princípio - ser seu próprio objeto - nasce a ideia da conversão a si; isto é, voltar-se sobre si e estabelecer um conjunto de relações consigo: ser soberano de si, ser plenamente independente (FOUCAULT, 2014a, p. 181). E mais: o cuidado de si assume também uma função crítica, e outra: uma função de luta. Ambas as funções assumem, parece, um caráter ético-político-formativo. Veja-se, respectivamente, a função crítica e a função de luta do cuidado de si: a função crítica consiste, basicamente, na atividade de “desaprender” tudo aquilo que se aprendeu por meio de maus hábitos e opiniões falsas; tudo aquilo que porventura se aprendeu com a família, com os vizinhos ou, até mesmo, com um mestre: trata-se de tornar-se outro, desfazer-se daquilo que fizeram de você. A função de luta conduz a duas metáforas que consistem na função do lutador: “[...] é se na vida como um lutador que tem de se desfazer de seus adversários sucessivos e que deve treinar mesmo quando não combate”. A da guerra: “[...] é preciso que a alma esteja disposta como um exército que um inimigo está sempre suscetível de atacar” (FOUCAULT, 2014a, p. 182).

Nesse cuidado de si, considera-se também a importância do outro; isto é, para o cuidado de si é importante a orientação de um mestre, de um diretor, que auxilie aquele que cuida ou que pretende cuidar de si. E isso não somente para os iniciantes, mas também para qualquer pessoa até o fim da vida (FOUCAULT, 2014a, p. 182). Encontra-se também, na história das técnicas de si, escolas: a escola de Epícteto em Roma, em que havia uma diversidade de tipos: ouvintes de passagem, alunos “regulares”, futuros diretores e mestres de almas.

Por fim, adentra-se o conjunto de práticas e técnicas que a cultura de si comporta. Esse conjunto de práticas é geralmente designado, diz Foucault, pelo termo “*áskēsis*”. Como já mencionado anteriormente, ainda que alusivamente, o(s) objetivo(s) da cultura de si consiste(m) em tornar-se senhor de si, não se deixar perturbar diante dos acontecimentos. Entretanto, como “[...] conservar nosso domínio diante dos acontecimentos que podem realizar-se?” (FOUCAULT, 2014a, 184). “Temos necessidade”, afirma o filósofo francês, “[...] de ‘discursos’: de *logoi*, entendidos como discursos verdadeiros e discursos razoáveis” (FOUCAULT, 2014a, p. 184). Tais discursos apresentam-se como conhecimentos a serem assimilados, deve-se colocá-los à disposição, deve-se tê-los à mão. Em última instância, é preciso prendê-los, fixá-los ao espírito, “até fazer deles uma parte de nós mesmos” (FOUCAULT, 2014a, p. 186).

Esses discursos verdadeiros que devem estar em “nós” como parte de “nós”, não estão antes em “nós” (como pensa Platão), pois não se trata de fazer a alma voltar-se para si. Com Plutarco e Sêneca, importante reconhecer que é “[...] a absorção de uma verdade dada por um ensinamento, uma leitura, um conselho” (FOUCAULT, 2014a, p. 186). As verdades, portanto, que servirão de diretrizes para as condutas dos indivíduos, os *logoi*, devem ser apreendidas por meio dos ensinamentos de um mestre, de uma leitura, da meditação e da memorização desses *logoi*. Para a memorização, três técnicas são imprescindíveis: a escuta, a escrita e os retornos sobre si. No que se refere à escuta, tem-se: “[...] a atitude física a tomar; a maneira de sua atenção; a maneira de se reter o que acaba de ser dito” (FOUCAULT, 2014a, p. 186). Já com relação à escrita, trata-se de “[...] tomar nota sobre as leituras, as conversações, as reflexões que se ouvem ou que se fazem a si” (FOUCAULT, 2014a, p. 186-187). E sempre retornar a tais escritos. Em terceiro, fazer retornos sobre si; se, no segundo caso, retorna-se àquilo que se encontra anotado, escrito em “cadernos”; aqui se retorna sobre si, sobre aquilo que foi apreendido; “[...] deve-se ter em si uma espécie de livro que se relê de tempo em tempo” (FOUCAULT, 2014a, p. 187)⁴.

Tem-se, então, aí todo um conjunto de técnicas que têm por fim ligar a verdade e o sujeito. Trata-se, muito ao contrário, de armar o sujeito com uma verdade que ele não conhecia e não residia nele; trata-se de fazer dessa verdade aprendida, memorizada, progressivamente colocada em aplicação, um quase sujeito que reina soberanamente em nós. (FOUCAULT, 2014a, p. 187)

Treinos, exercícios que se efetuam na realidade, encontram-se exemplos em Plutarco e em Sêneca. Antes os objetivos desses exercícios tratam-se, de certa forma, dos objetivos apresentados anteriormente – muda-se a técnica/exercício, no entanto, subjaz o porquê de tais ensinamentos: “[...] trata-se de estabelecer a independência do indivíduo em relação ao mundo exterior” (FOUCAULT, 2014a, p. 188). Desse modo, o primeiro exemplo: inicialmente “[...] entregamo-nos a atividades esportivas

⁴ Os temas mais comuns próprios a esses discursos verdadeiros são: os males futuros, a morte, a felicidade, a virtude, a independência moral.

que abrem o apetite; depois, colocamo-nos diante das mesas cheias dos pratos mais saborosos; e, depois de tê-los contemplado, damo-los aos servos, enquanto nós mesmos tomamos o alimento simples e frugal de um pobre” (FOUCAULT, 2014a, p. 188). O segundo exemplo diz: “Ele [Sêneca] objetiva, por razões de conveniência, participar, pelo menos de certa maneira, das festas [Saturnais]. Mas sua preparação consistirá, durante dias, em vestir uma roupa de burel, dormir em um catre e alimentar-se somente de pão rústico” (FOUCAULT, 2014a, p. 188-189). Sêneca, assim, exercita-se para constatar que a pobreza não é um mal e que ele está apto a suportá-la.

PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DO PODER E DO DESVELO: UMA POSSIBILIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE

Schubert (2017, n.p) destaca que um “[...] dos problemas mais duradouros na discussão sobre Foucault tem sido o problema da liberdade. Mais precisamente, a questão é a seguinte: como a liberdade e a resistência podem ser pensadas e explicadas em uma teoria do poder e da subjetivação?”. A autora destaca que o debate sócio-filosófico sobre a liberdade nas obras de Foucault começou quando este foi tratado como um teórico da política, por alguns teóricos da área como Habermas, Fraser e Taylor que o criticaram pela explicação implausível para a liberdade, “por conta de seu conceito nietzschiano de poder”.

Schubert (2017, n.p.) destaca ainda que “[...] outros intérpretes, ao mesmo tempo interessados em teoria política e simpáticos a Foucault, propuseram interpretações de sua obra com vistas a construir uma teoria coerente da liberdade no interior da estruturação foucaultiana da subjetivação e do poder”. A autora enfatiza que é preciso “[...] diferenciar os problemas da determinação e da subjetivação”, sem os quais não é possível fazer a distinção entre a “[...] liberdade de agir de forma diferente e a liberdade como crítica”. Nesse sentido, a autora afirma ainda que a “[...] liberdade como crítica não deve ser definida apenas como o que de qualquer forma os progressistas e da esquerda fazem, mas deve ser tomado um lugar normativo para arriscar uma teoria da democracia”. A referida autora destaca que, se “[...] alguém levanta questões de teoria política, obterá respostas na linguagem da teoria política”. Entretanto, isso “[...] pode ser bastante produtivo, não apenas para uma compreensão sistemática da liberdade nas obras de Foucault, mas também como um ponto de partida para uma nova discussão sobre o conceito apropriado de liberdade na teoria política”.

Ao propormos a ideia de pensar a educação como um ato de educar para a liberdade, tendo como pano de fundo a filosofia de Foucault, sabíamos dos limites e dos entraves que poderíamos encontrar no caminho, pois reconhecemos que a sua filosofia não busca uma visão “emancipatória” da educação em si. Entretanto, vislumbramos a possibilidade de uma análise a partir da articulação dos conceitos de poder disciplinar e as técnicas de si.

Acreditamos que da relação binária entre esses conceitos pode surgir algo novo e interessante para olharmos o contexto educacional a partir de Foucault, sem perder a sutileza do seu trabalho teórico. O conceito de poder disciplinar em Foucault aponta para um processo de assujeitamento nas escolas, ou seja, o poder disciplinar opera um assujeitamento do qual não se pode escapar. Contudo, há algo de positivo nisso, porque produz muitos efeitos importantes; pois é pela disciplina que nos constituímos subjetivamente, isto é, para além do assujeitamento – há também uma produção subjetiva do indivíduo. Por outro lado, também nas técnicas de si, Foucault mostra que há um assujeitamento e é tal processo que possibilita que o sujeito atue sobre si mesmo por meio dessas técnicas. E é aqui que buscamos uma intersecção dessa relação - o “assujeitamento” como um operador que vai muito além do poder disciplinar como assujeitamento nas escolas, mas como produtor da subjetividade do sujeito, onde este desenvolve a capacidade de reflexão crítica da sua subjetivação, a partir das técnicas de si como assujeitamento de si mesmo. As técnicas de si, como assujeitamento de si, abre outro olhar para a formação desse sujeito, que acaba criando um conhecimento e autonomia de si, possibilitando que uma educação diferente aconteça, uma educação para a “emancipação”, ou uma educação para a liberdade, ou como destaca Schubert (2017), uma teoria, uma educação para a “democracia”.

Entretanto, almejar uma educação para a democracia, para a emancipação e para a liberdade exige que pensemos nas relações que se constroem no contexto escolar e que tipo de aluno, de sujeito que se quer formar para a sociedade. Todo esse processo passa diretamente pela gestão de sala em que é instituída uma relação de poder, entre professor e alunos. As relações de poder na sala de aula precisam ser reconhecidas, mas se elas não forem construídas e discutidas de forma democrática pode acabar fazendo com que os alunos reproduzam certos padrões de comportamento condicionados que podem influenciar nas atitudes, no pensar e no agir.

As relações de poder estabelecidas dentro do contexto escolar sendo impostas ou não acabam influenciando o processo de ensino e de aprendizagem no momento de interação recíproca na construção do saber. No entanto, o sistema de controle existente nas relações de poder não deve objetivar apenas o controle e a disciplina no contexto escolar, ou subsidiar apenas quem tem o maior poder de autoridade, mas ir ao encontro de uma relação que deve ser construída democraticamente, para que todos possam se sentir pertencentes ao grupo, ao contexto. Essa construção vai ao encontro do que Foucault (2014b, p.266) chama de trajetória intelectual e está ligada a “[...] técnicas específicas que os homens utilizam a fim de compreender quem eles são”, ou seja, as técnicas de si.

Como vimos na seção anterior, as “técnicas de si” permitem aos indivíduos construir “[...] operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade [de liberdade] (FOUCAULT, 2014b, p. 266). Ou seja, técnicas que quando aplicadas, transformam, e que tem

como objetivo transformar o homem para que este possa atingir certo estado de felicidade, de sabedoria, de liberdade ao agir, estabelecendo um conjunto de relações consigo, onde este buscar ser um ser soberano de si e um ser plenamente independente (FOUCAULT, 2014b).

Como vimos o cuidado de si assume também duas funções: uma função crítica e uma função de luta a partir de um caráter ético-político-formativo, que devem ser apreendidas por meio dos ensinamentos de um mestre, de uma leitura, da meditação e da memorização desses *logoi* por meio das técnicas (escuta; escrita e retornos sobre si). Podemos relacionar essa vertente ao cuidado de si, que pode ser apreendido a partir dos ensinamentos de um mestre, de um professor, com o que Noddings (1986 *apud* NOBLIT, 1995) chama de poder na perspectiva do desvelo⁵, um poder comprometido do professor, usado para incentivar e criar uma boa relação com os alunos, em que este busca manter um ambiente propício à aprendizagem, mas ao mesmo tempo procura cuidar, respeitar e proteger seus alunos.

Noddings (1986 *apud* NOBLIT, 1995) destaca que questões relacionadas ao controle, ao poder e ao desvelo na sala de aula podem ser vistas como uma autoridade moral que objetiva o desvelo e o afeto em uma relação recíproca no processo de ensino e aprendizagem. A autora trabalha também com conceito de “fidelidade no ensino”, como a atitude que ocorre não por “obrigação ou por princípio”, mas como uma resposta direta aos sujeitos com os quais alguém está se relacionando, como um desvelo natural, que alguém sente quando tem cuidado e interesse pelo outro estabelecendo o “ideal do desvelo”, cuidando para mantê-lo.

Bacon (2011) destaca que podemos considerar que, no interior de muitas escolas, ainda existem muitos professores que organizam suas práticas buscando facilitar a aprendizagem, a compreensão, sanar as dúvidas, dificuldades visando desenvolver as habilidades dos alunos, mas de forma contraditória, pois muitas vezes não respeita a individualidade e o desenvolvimento deles ou acaba tratando a classe como se fosse uma turma homogênea. As práticas pedagógicas do professor, bem como a forma como organiza o contexto escolar devem contribuir para a autonomia e a participação do aluno, ao contrário de buscar colocá-lo e mantê-lo em um estado de adaptação e dependência. O poder e o controle no processo de ensino e aprendizagem influenciam na conduta, na disciplina, na aprendizagem dos conteúdos, na rotina da sala de aula; no entanto, não precisam ocorrer de forma tão autoritária. A autora destaca ainda que, para captarmos e compreendermos a complexidade da dinâmica da sala de aula, bem como o desempenho dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, não podemos levar em conta apenas o modelo da adaptação ou de submissão, até porque sabemos que, apesar de vinculado a uma instituição que predetermina o que o professor deve fazer ao exercer o seu ofício, na sua ação docente,

⁵ Desvelo foi a tradução mais compatível com *caring*, no sentido de cuidar, no âmbito da teoria em questão. Para a autora, o desvelo é entendido como uma relação de reciprocidade em que se estabelece um elo moral entre o professor e seus alunos, não por obrigação ou por princípio, mas pelo interesse e pelo cuidado que tem por aqueles com o qual se relaciona.

cada professor em particular, na sua sala de aula, desenvolve a sua gestão e cria uma dinâmica e valores diferentes sobre seus alunos.

Compreender as relações de poder, seus valores, bem como as regras que estão envolvidas na relação professor e aluno durante o processo de ensino e aprendizagem pode contribuir para a melhoria dessa relação, pode facilitar a aprendizagem, a construção do conhecimento, obtendo-se assim o êxito escolar, em uma via de mão dupla, considerando-se as aprendizagens construídas pelos alunos, por meio dos conteúdos que são ensinados pelo professor na sala de aula, que vai além da produção de subjetividades assujeitadas, obedientes, na busca por uma educação e formação de subjetividades e formas de vida por meio daquilo que Foucault (2009) chama de “técnicas de si”, para que outra educação seja construída, que busque a libertação e a emancipação dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Ao discutir sobre a fidelidade no ensino, Noddings (1986 *apud* NOBLIT, 1995) refere-se ao cuidado, ao desvelo natural que pode existir na relação, quando se coloca o outro como prioritário, prevalecendo assim a “ética do desvelo”. Nessa perspectiva, a ideia de poder como sinônimo de controle e autoritarismo deixa de existir, tomando outro sentido para o qual Noblit (1995) chama de “poder como autoridade moral”, assumido pelo professor no seu compromisso social e moral com a instituição escolar e com seus alunos ao desenvolver a sua gestão. Acreditamos que esse cuidado e esse desvelo também podem vir ao encontro da construção e do desenvolvimento das “técnicas de si” e, a partir delas, um saber sobre quem se é, o que faz, o que de fato se deseja, no contexto educacional e social. A construção da relação a partir do desenvolvimento das “técnicas de si”, permeada pelo poder e pelo desvelo pode ser de fato uma grande possibilidade para o educar para a liberdade.

A liberdade na perspectiva aqui apresentada é a expressão do resultado das técnicas que se exerce sobre si mesmo; das práticas cotidianas que podem modificar ou transformar regiões do ser. Elas jamais produzem um tipo isolado e fechado sobre si mesmo, pois essas técnicas constituem um ser em si que é composto por aquilo que se faz consigo junto aos outros, com os outros e por meio dos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado no início deste texto, Foucault não se apresenta como um filósofo que alimenta, entre seus escopos, pensar a educação, mas, como apontado, é possível pensá-la a partir dele. Desse modo, o objetivo, aqui, foi mostrar, tendo como referenciais dois momentos: no primeiro, a educação escolar inserida no âmbito daquilo que o filósofo francês chama de sociedade disciplinar e, a partir disso, as suas implicações; e, no segundo, a possível ultrapassagem desse tipo de educação fundamentada no entendimento do que Foucault chama de técnicas de si, cuidado de si; sem, contudo, como nota Veiga-Neto (2004), acreditar que Foucault seja um filósofo de respostas fáceis e salvacionistas. O pensamento de Foucault, diz o autor

citado, funciona antes como um mobilizador, um ativador do pensamento e da ação. É desse modo que também o se reconhece.

As técnicas de si são totalmente diferentes das técnicas de poder estudadas anteriormente (poder disciplinar). As técnicas de si/cuidado de si são aquilo que o indivíduo exerce ou pratica sobre si – com ou sem a ajuda de outro - com o objetivo de transformar-se para tornar-se senhor de si, estabelecer domínio sobre si: para tornar-se, ou ao menos buscar tornar-se autônomo, livre das paixões e dos afetos violentos. Essas técnicas, como visto, podem assumir várias formas: leitura, memorização – por meio da escuta, da escrita -, treinos de abstinência. Tudo isso voltado a um fim: fazer da própria vida uma obra de arte; dar forma a si mesmo; ter domínio de si. Dito de outro modo, lembrando Deleuze (1992, p. 123), “[...] trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida”.

Já as técnicas de poder, que são exercidas sobre o outro com o fim de submetê-lo, assujeitá-lo – técnicas sobre as quais a escola moderna se sustenta -, com as quais, desse modo, fabricam-se indivíduos obedientes e, no máximo, “rebeldes” sem alvo, por que ainda delas se dispõe? Por que ainda, desde o século XIX, animam a dinâmica escolar? Não será o momento da apropriação de outras técnicas? Pois, se há referências culturais – desde ao menos os gregos da Antiguidade – nas quais se pode apoiar para fazer-se outra escola, outra prática docente; por que não começar? Esses exercícios – referidos na última seção - que constituem subjetividades autônomas, talvez sejam a primeira abertura para uma possível transformação das escolas, da educação e dos próprios indivíduos. Desaprender e lutar – função crítica e função de luta – eis a tarefa inicial rumo a outra educação escolar possível quem sabe para o educar para a liberdade.

Nessa perspectiva, acreditamos que o cuidado e o desvelo, ao quebrar a ideia de poder, somente como poder disciplinar, como sinônimo de controle e autoritarismo, possibilita outro sentido de “poder como autoridade moral” (NOBLIT, 1995), podem propiciar um ambiente favorável ao desenvolvimento das “técnicas de si” e junto a elas, um saber sobre si, sobre o que se quer, o que faz no contexto educacional e social. Acreditamos, portanto, que a construção da relação a partir do desenvolvimento das “técnicas de si”, permeada pelo poder e desvelo, pode ser de fato uma grande possibilidade para o educar para a emancipação, para a liberdade.

REFERÊNCIAS

BACCON, Ana Lúcia Pereira. *Um ensino para chamar de seu: uma questão de estilo*. 2011. 153 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. São Paulo: Editora 34, 1992.

- FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 177-191.
- FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. v. 9. p. 264-296.
- FOUCAULT, Michel. Espaço, saber e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Segurança, penalidade e prisão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. v. 8. p. 206-222.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 37. ed. São Paulo: Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *El poder psiquiátrico: Curso em El Collège de France (1973-1974)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Loucura, Literatura e Sociedade. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 210-234.
- NOBLIT, George W. Tradução de Belmira O. Bueno. Poder e desvelo na sala de aula. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 119-137, jul./dez. 1995.
- SCHUBERT, Karsten. Como fazer teoria política com Foucault? – O debate sobre a liberdade nas obras de Foucault. *Coluna ANPOF*, jun. 2017. Disponível em: <<http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/coluna-anpof/1187-como-fazer-teoria-politica-com-foucault-o-debate-sobre-a-liberdade-nas-obras-de-foucault-1>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Recebido em: 18/07/2017.

Aprovado em: 10/06/2018.